

CULTURA E SOCIEDADE JAPONESA: DA ÉPOCA PRIMITIVA ÀS ORIGENS DO ESTADO¹

Tae Suzuki

RESUMO: A academia japonesa veio, durante muito tempo, defendendo a idéia do mar como um fator de isolamento para explicar a uniformidade étnica, lingüística e cultural do Japão. No entanto, o mar pode ser um veículo de correntes culturais, um meio de aproximação entre povos e culturas, como defende o historiador Amino Yoshihiko. É nesta perspectiva que este artigo traça a trajetória da sociedade e da cultura japonesa, desde seus primórdios até as bases de criação de um Estado, numa época em que era intenso o intercâmbio com o continente chinês e a península coreana.

RÉSUMÉ: L'académie japonaise a longtemps défendu l'idée de la mer comme un facteur d'isolement pour expliquer l'uniformité ethnique, linguistique et culturelle du Japon. Mais la mer peut être, d'autre part, le véhicule des courants culturels, un moyen de rapprochement des peuples et cultures, comme défend l'historien Amino Yoshihiko. C'est dans cette perspective que cet article trace la trajectoire de la société et de la culture japonaise, dès ses commencements jusqu'aux origines d'un État, en une époque où était intense l'échange avec le continent chinois et la péninsule coréenne.

PALAVRAS-CHAVE: Japão, história, cultura, época primitiva.

MOTS-CLEF: Japan, histoire, culture, époque primitive.

1. Após a conclusão do presente artigo, tivemos notícia dos estudos realizados pelo Museu Nacional de História e Etnologia, sobre um sítio arqueológico encontrado em Fukuoka, cujos resultados acarretam mudanças significativas para a história primitiva japonesa. A análise radiocarbônica AMS de restos aí encontrados conclui pelo recuo de cerca de 500 anos para a entrada, no Japão, da rizicultura irrigada, dada como uma característica da cultura Yayoi, até então estabelecida como desenvolvida entre o século III a.C. e III d.C.

1. Introdução

Durante muito tempo, a academia japonesa apregooou, e ainda apregoa, o caráter unicista e uniforme de sua sociedade e cultura, com recorrência na bibliografia corrente à expressão *shimagunikonjô* 島国根性, literalmente “espírito insular”. Nessa perspectiva, toma-se o mar que circunda suas centenas de ilhas como um fator de isolamento do continente, privilegiando o desenvolvimento de um *modus pensandi*, um *modus vivendi* peculiar e próprio dos ilhéus japoneses. Assim, o Japão teria constituído um Estado nacional que se manteve como tal no decorrer de mais de dez séculos, com um povo de uma única etnia, falante de uma única língua, a japonesa. Esquece-se porém, como defende o eminente historiador Amino Yoshihiko 網野善彦, de outro papel também essencial dos mares, qual seja, o de facilitar o tráfego desde épocas bastante remotas, facilitando, ao contrário, o contato com regiões circunvizinhas do além-mar que, no caso do Japão, era privilegiado por sua larga extensão longitudinal e por sua proximidade das costas orientais da Ásia.

A uniformidade apregoadá vê-se abalada se levarmos em conta que muitos imigrados do continente chinês e da península coreana acabaram por se estabelecer nas terras do arquipélago japonês desde os primeiros séculos da era cristã, dando início à miscigenação à medida que se naturalizavam e adquiriam títulos *kabane* ou até mesmo de clãs. Por outro lado, se é verdade que a língua japonesa continua mantendo a mesma estrutura sintática SOV dos primeiros registros escritos de sua literatura, não se pode ignorar que boa parte de seu léxico é constituído de palavras de origem chinesa, muitas delas introduzidas por volta de meados do século VI, com a entrada do budismo e do confucionismo no Japão.

Embora não se lhe refira diretamente, o arqueólogo Gotô Shûichi 後藤守² leva em conta esse duplo papel dos mares que circundam o Japão ao levantar três características essenciais da cultura japonesa, a saber, a continuidade ou conservadorismo, a variedade ou multiplicidade e a assimilação.

O autor se serve da tese apresentada pela geógrafa norte-americana Ellen Churchill Semple que, em seus estudos sobre as ilhas do Mediterrâneo, destaca a capacidade que têm as ilhas de grande porte, como a Grã Bretanha, de continuamente receber novos elementos culturais e conservá-los, em oposição a ilhas de pequeno porte, como Creta que, dada sua dimensão, acaba expulsando elementos antigos para poder receber os novos. Com seus cerca de 370.000 km² de extensão, o arquipélago japonês insere-se no primeiro grupo e, efetivamente, muitos de seus aspectos culturais se mantiveram por séculos, inclusive até os dias atuais. Assim, por exemplo, os motivos impressos por corda trançada nas peças de argila, característicos da cerâmica Jômon iniciada por volta do século X ou IX a.C., são ainda observados na cerâmica Yayoi mais de dez séculos depois, principalmente na costa oriental do arquipélago. Da mesma forma, o modelo arquitetônico das casas em terracota do século V aproximadamente, além de poder ser ainda hoje encontrado em casas de algumas regiões rurais, só vai sofrer modificações significativas por volta do século XV, quando recebem divisórias de

2. 「文化の特質」(Características da cultura japonesa). In Kodama, 1962: 29-38.

apostos e piso sobre o chão de terra batida, sem contar alguns utensílios agrícolas que até hoje são utilizados em algumas regiões mais recônditas em sua forma primitiva.

Por outro lado, as ilhas japonesas estendem-se longitudinalmente num raio de cerca de 45° a 24° latitude norte, abrindo suas costas para as regiões próximas, que vão do norte ao sudeste do continente asiático até as ilhas polinésias, privilegiando a entrada de diferentes correntes culturais. De fato, a cultura desenvolvida nas ilhas japonesas traz, desde os primórdios, traços de variadas culturas do continente asiático como, por exemplo, a entrada no período Yayoi (séculos III a.C.-III d.C.) de dois tipos de urnas funerárias: a com tampo (合口甕棺 *awaseguchikamekan*), característica do sul da Ásia, e a de pedra em forma de baú 箱式石棺 *hakoshikisekikan*), encontrada ao norte da Ásia. Curiosa é a descoberta de escudos orlados com pêlos de animais, sem nenhuma finalidade utilitária, verificados entre os povos das ilhas polinésias e também encontrados entre os povos nativos do sul do arquipélago – os *hayato* 隼人, de Kagoshima, e os *kumaso* 熊襲, do centro sul de Kyûshû – o que vem a fortalecer a hipótese de uma sexta rota cultural oriunda do sul da Ásia.

O mar, agora em seu papel obstrutor, pode também isolar e interromper a entrada de influências externas, criando um tempo para se assimilar o que foi trazido, levando à terceira característica levantada por Goto. Foi o que ocorreu nos fins do século IX, quando o Japão interrompe o envio de missões oficiais à China após quase um milênio de intenso intercâmbio e, voltando-se a si mesmo, privilegia o desabrochar de uma cultura conhecida como *kokufû bunka* 国風文化 (literalmente, “cultura de feitiço nacional”) que nada mais é do que a tradução à japonesa de toda a bagagem cultural absorvida da China no decorrer de séculos. Desenvolve-se o fonograma *kana* a partir do uso fonético dos ideogramas chineses permitindo aos japoneses maior liberdade para expressarem sua própria língua, cria-se uma literatura de expressão japonesa por excelência, nasce uma linguagem pictórica própria, cresce a caligrafia de traços cursivos – origina-se, enfim, uma cultura de alma japonesa desenvolvida sobre bases da cultura chinesa.

Assim é a cultura japonesa: conservadora em alguns aspectos mas ao mesmo tempo propensa a novidades, que acaba aceitando, assimilando até lhes dar um trato tipicamente japonês. Ainda hoje muito se fala do caráter conservador e tradicionalista do povo japonês, mas também da capacidade de assimilação do novo, freqüentemente evocada pela restauração Meiji que, com a abertura dos portos ao exterior após cerca de dois séculos e meio de reclusão, fez o Japão saltar de um estado feudal ao moderno graças à assimilação rápida de toda a experiência da revolução industrial vivida pelo Ocidente. Esses movimentos de abertura e reclusão, de absorção e assimilação de culturas externas são freqüentes em vários momentos da história do Japão desde a Antigüidade, como veremos a seguir.

2. Período Primitivo

Formado por centenas de ilhas e ilhotas em forma de arco, o arquipélago japonês se estende desde Hokkaidô (45°31' latitude norte) até as ilhas de Okinawa (24° latitude

norte), no extremo oriente do continente asiático. Atualmente constituído de quatro ilhas maiores – Hokkaidô, Honshû, Shikoku e Kyûshû – mais as ilhas do arquipélago de Okinawa, o Japão era, até o período quaternário da era Cenozóica, interligado ao continente por braços de mar que circundavam um grande lago interno. Já habitado pelo homem paleolítico, que provavelmente atravessou esses braços de mar pelo norte e pelo sul, há cerca de 100 mil anos, o arquipélago começa a se separar do continente devido aos avanços do mar, em decorrência do aquecimento da terra após o fim do período glacial, por volta de 18 a 17 mil anos atrás. Honshû, ainda ligado a Shikoku e Kyûshû, separa-se do continente pelo estreito de Tsugaru, ao norte, e da Coreia, a oeste, transformando o grande lago interno em mar aberto, hoje conhecido como Mar do Japão; abre-se o estreito de Muneyama e nasce Hokkaidô, há cerca de 12 mil anos, até o arquipélago adquirir a forma próxima da atual por volta de 10 a 8 mil anos atrás, quando Shikoku e Kyûshû separam-se de Honshû formando o Mar Interno de Seto 瀬戸内海.

Neste trabalho, será abordada a vida e a cultura desenvolvidas na sociedade criada no arquipélago japonês em seus primórdios, até as origens da formação de um Estado, por volta do século VII. Durante muito tempo, a cultura Jômon 縄文 – a primeira forma de cultura arqueologicamente comprovada – foi e ainda é por muitos considerada uma expressão autóctone da cultura primitiva japonesa, baseando-se no princípio do mar como fator de isolamento das ilhas com relação a outras terras. Mas, como aponta Amino Yoshihiko em vários de seus trabalhos, o mar foi, desde longa data, também uma importante via de comunicação dos habitantes primitivos do arquipélago com povos de regiões circunvizinhas, hipótese comprovada pela descoberta recente de restos de um grande barco do período neolítico, com proporções apropriadas para travessias marítimas. De fato, se o mar pode servir de obstáculo isolando ilhas e arquipélagos de outras terras, é fato também que o flanco aberto para o mar em todas as direções facilita a entrada de correntes culturais que, no caso do Japão, aventam-se terem sido cinco as rotas principais: 1. pelo norte, da Sibéria para a ilha de Hokkaidô, passando pelas ilhas Sakhalinas; 2. de Primorski, no litoral leste da Rússia, para o nordeste do arquipélago; 3. do continente chinês, via península coreana, para o norte da ilha de Kyûshû e oeste do arquipélago, a rota mais usada devido à curta distância a ser percorrida; 4. da foz do rio Yang-tsé para Kyûshû, a rota de entrada da rizicultura e usada, no sentido inverso, para o envio das missões diplomáticas japonesas à China; 5. pelo sul, do sudeste asiático também para Kyûshû, a rota do molusco³.

Nada a estranhar, portanto, que influências do continente asiático tenham ocorrido já no período neolítico, mesmo porque já se desenvolvera, por volta do século XVII a.C, uma civilização altamente desenvolvida na China, de onde chegam as principais influências ao arquipélago. À medida que se intensificam as correntes culturais, aumenta o ritmo com que essas influências ocorrem, como se deu com a entrada concomitante do ferro e do bronze a partir do século III a.C., fazendo com que o Japão saltasse da

3. Aventa-se uma sexta rota, das ilhas polinésias para o leste do arquipélago, ainda não devidamente comprovada.

idade da pedra para a do ferro, sem passar pela do bronze, configurando o primeiro “salto cultural” de sua história, como se dará ainda outras vezes.

3. Cultura Jômon 縄文

Até hoje se discute a origem dos habitantes desse arquipélago. Provavelmente tratavam-se dos mongolóides antigos que atuavam em larga escala no continente asiático e que, há cerca de 40 a 30 mil anos, atravessaram os braços de mar quando o arquipélago era ainda ligado ao continente, povoando o arquipélago em toda sua extensão. Vivendo durante milênios em cavernas ou choupanas simples, eles se alimentavam de frutos e de animais, utilizavam instrumentos cortantes de pedra lascada e já conheciam a argila. Datam de 13 a 12 mil anos atrás as primeiras peças de argila com relevo⁴, que vão se desenvolver posteriormente para a cerâmica Jômon 縄文, assim denominada devido às *figuras* (文) impressas por *corda* (縄) nas peças.

Há cerca de 10 mil anos, desenvolve-se a pesca trazendo mudanças consideráveis na vida do arquipélago. Procede-se à coleta de moluscos e algas, à pesca com rede, com lanças e arpões de pontas de pedra, com anzóis feitos de ossos de animais, principalmente no litoral voltado para o oceano Pacífico onde eram colhidos peixes de grande porte e cetáceos como golfinhos e baleias, como atestam os sambaquis de restos desses espécimes. As moradias passam a ser erguidas sobre covas – os chamados *tateanashikijûkyo* 竪穴式住居⁵ – e se desenvolve a cerâmica Jômon, com motivos de corda trançada, que começa a ser produzida em todo o arquipélago.

Fortemente ancorada em atividades pesqueiras, a cultura Jômon é freqüentemente considerada uma cultura insular autóctone. Há que se atentar, no entanto, para os grandes fluxos migratórios, não só dentro como também fora do arquipélago. A descoberta de jade da região de Niigata (a noroeste de Honshû) durante as escavações para a construção do aeroporto de Chitose (Hokkaidô), a descoberta de ruínas de tratamento do *obsidian* – pedra vulcânica originária de Ise (centro sul de Honshû) – em Nagano (leste de Honshû), são algumas das provas dessa mobilidade interna. Por outro lado, o mesmo *obsidian* foi encontrado no extremo sul da península coreana, em Primorski e na Sibéria, o que atesta a relação do arquipélago com boa parte do continente asiático. Restos de uma grande canoa encontrados nas ruínas de Yuri, na província de Fukui, falam da possibilidade de circulação dos homens da época pelos mares, estabelecendo o contato dessa cultura com a de várias regiões do extremo oriente como o norte da Ásia, o continente chinês, a península coreana, até mesmo o sudeste asiático.

Pelo método de datação em radio-carbono das peças de cerâmica, o período Jômon é arqueologicamente classificado em seis épocas (apresentadas entre parênteses) que, do ponto de vista de sua evolução cultural, compreende quatro fases:

4. Encontradas em Nagasaki (Kyûshû), são consideradas uma das mais antigas do mundo, junto com as encontradas às margens do rio Amuhr.
5. Casas erguidas sobre covas circulares de cerca de 70 a 80 cm. de profundidade e de 3 a 6 m. de raio, contornadas por fossos, a maioria com uma fornalha no centro.

1. fase de formação (correspondendo à época das origens – cerca de 8000 a 7000 a.C.);
2. fase de evolução (compreendendo as épocas primitiva e alta – cerca de 7000 a 2500 a.C.);
3. fase de maturidade (compreendendo as épocas média e baixa – cerca de 2000 a 1100 a.C.);
4. fase final (correspondendo à época tardia – cerca de 1100 a 100 a.C.).

Durante a primeira fase, continuam ocorrendo o aquecimento da terra e os movimentos de recuo e avanço do mar para, na segunda fase, começarem a se desenvolver as atividades de pesca, o uso do arco e da flecha em gradual substituição às lanças de pedra utilizadas na caça, o cultivo diversificado de plantas comestíveis⁶ bem como o uso de fibras vegetais para a confecção de roupas, calçados, sacolas e cestos, além da cerâmica Jômon que vai dar o nome ao período.

Em sua fase de maturidade, os utensílios de barro, inicialmente usados para cozimentos, passam a sê-lo para guardar e armazenar alimentos, bem como passam a ter outros formatos, ornados com finos motivos. Datam dessa fase as ruínas com cavidades no solo, dispostas a distâncias regulares, onde eram fincados pilares de madeira provavelmente utilizados para fins ritualísticos. Alguma forma de grupo comunitário começava a se formar, a deduzir não só pelas moradas em covas já citadas como também pela descoberta de urnas com placentas ou ossos de bebês natimortos enterrados junto a essas casas, um uso revestido de forte caráter mágico e observado durante muito tempo na sociedade japonesa. Tal prática remete à figura da xamã, geralmente uma mulher que procedia aos ritos usando adornos como brincos e braceletes, e que se liga aos futuros chefes tribais atribuídos de poderes mágicos.

A última fase caracteriza-se por um considerável avanço nas técnicas diversas bem como na organização social. Verifica-se o desenvolvimento técnico no fabrico de utensílios de madeira, de espadas e lâminas de pedra, de peças de cerâmica inclusive com ornamentos mais apurados. As técnicas de caça e pesca, o desenvolvimento da coleta e armazenamento de frutos atingem seu ápice por volta do século IV a III a.C., quando começam a se desenvolver as primeiras formas de agricultura, notadamente de cereais como o trigo e o sorgo, além de hortas como as encontradas em Karatsu, na ilha de Kyûshû. Embora muitos defendam a tese da entrada do arroz no período Yayoi seguinte, muito provavelmente isto se deu ainda no século IV a.C., sob a forma de cultivo em arrozais irrigados trazido da península coreana para o norte de Kyûshû.

Por outro lado, aumenta consideravelmente a produção de vários objetos ligados a ritos e cerimônias tais como arcos laqueados de vermelho, além das estatuetas de terracota *dogû* 土偶, figuras estranhas de animais e homens, muitas das quais com partes do corpo mutiladas. O arquipélago comportava já uma sociedade rudimentar, fortemente regida por vários tipos de magia.

6. Foram encontradas sementes de gergelim, sorgo, goya e até de cabaça, não originária do arquipélago.

4. *Cultura Yayoi* 弥生

Enquanto o arquipélago saía da idade da pedra e começava a formar grupos sociais, a China vivia um adiantado nível de civilização. Tendo já desenvolvido, por volta do século XVII a.C., uma cultura – a cultura Yín 殷 – que criou um sistema de escrita ideográfica e descobriu o uso do bronze, o continente chinês passara por um sistema de liga tribal (século XII a.C.) antes de enfrentar, a partir do século V a.C., uma época conturbada de lutas entre as nações tribais até surgir, em 221 a.C., um império unificado pelas mãos do assim chamado Primeiro Imperador de Qín 秦の始皇帝.

Por essa época, na península coreana mais ao sul, desenvolvia-se uma nova cultura centrada, de um lado, na produção de peças de cerâmica lisa, que vieram a substituir as peças ornadas com motivos gravados com dentes de pente, e de outro, na agricultura trazida da China desenvolvendo o cultivo de cereais como o sorgo e o trigo, ao norte, e do arroz, ao sul.

Este movimento cultural, com ponto de partida no continente chinês e passagem pela península coreana, já devia ter atingido as ilhas japonesas, notadamente a costa ocidental, nos fins do período Jômon, haja vista a rizicultura iniciada na região noroeste de Kyûshû. Supõe-se que sua entrada tenha se dado em bloco, e não por técnicas esparsas, com uma rápida propagação em direção ao leste, atingindo as regiões de Ise (Centro-Sul) e Wakasa (Centro-Norte) em cerca de trinta anos. Mas é a partir do século III a.C. que se dá a entrada de uma grande onda cultural vinda do continente, trazendo com ela a sericicultura, a tecelagem, uma nova técnica de produção do sal, além do ferro e do cobre, que chegam concomitantemente e vão constituir as bases da nova cultura Yayoi⁷. Embora haja fortes indícios da ida dos japoneses, exímios navegadores, ao continente, sem dúvida foram os habitantes da península coreana, notadamente os artesãos, os maiores responsáveis pela entrada dessa cultura no arquipélago.

A introdução do ferro e do cobre, por volta do século I da era cristã, traz mudanças consideráveis na vida do arquipélago. Apesar de poucas as peças de ferro encontradas, devido a seu alto grau de oxidação, o ferro veio a substituir a pedra na confecção de utensílios agrícolas, e, junto com novas técnicas introduzidas, deu impulso ao desenvolvimento da agricultura. A maioria das peças de metal encontradas são espadas, sinos e espelhos de bronze. Inicialmente introduzidas como instrumento bélico, as espadas fabricadas no Japão não têm corte na lâmina, donde sua provável utilização em cerimônias religiosas, assim como os sinos de 10 a 140 cm. de altura e os espelhos, ambos com figuras e inscrições no verso.

Essa cultura Yayoi, basicamente fundamentada na rizicultura e na utilização do metal, junta-se à cultura Jômon da coleta, caça e pesca, e vão, juntas, tomar novos rumos. Enquanto a cultura eminentemente Yayoi, com base no norte de Kyûshû, propaga-se pelo oeste, a cultura marcadamente Jômon resiste a esta nova cultura na região leste, onde não se implanta a rizicultura e se desenvolve uma cultura pós-Jômon com base na

7. Denominação originada da localidade (distrito de Yayoi, na atual Tóquio) onde foi encontrada a primeira peça de cerâmica característica do período, de contornos mais suaves e simples do que as do anterior Jômon.

coleta, caça e pesca. Passam a coexistir duas tendências culturais distintas – uma cultura marcadamente Jômon, a leste, e a nova cultura Yayoi, a oeste – reiterando um padrão existente desde o período paleolítico. A *Fossa Magna*, uma falha tectônica que corta a ilha de Honshû na longitudinal, divide o arquipélago em duas grandes partes – uma a nordeste e outra a sudoeste – cada qual com algumas características topográficas e culturais próprias. Assim, por exemplo, os objetos cortantes de pedra do período Jômon, utilizados para o tratamento de frutos, revelam-se apropriados à vegetação predominante de cada uma dessas regiões (deciduífólias da região leste e lucidofólias tropicais, da oeste). E mesmo com referência ao período Yayoi, no que diz respeito ao uso do metal, espadas e lanças de cobre usadas em rituais são a tônica da produção na região norte de Kyûshû, enquanto Kinki e adjacências especializam-se na fabricação de espadas e sinos de bronze.

Os primeiros documentos escritos com referências a aspectos da vida no arquipélago são da China do século I⁸. A China mantinha a prática de registrar a história de cada dinastia que ascendia ao poder e a primeira referência à nação Wa (denominação dada ao arquipélago pelos chineses) consta do *Livro de Han*⁹, que fala da existência de “cerca de cem nações (ou tribos) que mantinham contato com Lô-lang 樂浪 (um dos reinos da península coreana)”

A nação Wa será ainda citada duas vezes no *Livro do Han Posterior*¹⁰, do século III: uma, ao relatar a chegada, à capital Luò-yáng 洛陽, de emissários de Wa que recebem o *inju* 印綬 (comenda atribuída conforme a hierarquia social); outra, sobre o envio de 160 escravos dados pelo soberano de Wa ao imperador de Han Posterior, em 107.

Referências mais pormenorizadas, no entanto, aparecem no *Registro de Wei*¹¹ que dedica um capítulo específico ao Japão – “Sobre os homens de Wa, os bárbaros do Leste” 東夷倭人伝 *Tôi wajinden*). O documento refere-se a aspectos políticos e sociais do reino de Yamatai 耶馬台¹², criado no início do século III, pela soberana Himiko 卑弥呼. Consta que Himiko, uma xamã, subleva as revoltas ocorridas em Wa nos fins do século II e subjuga cerca de trinta tribos, que ela passa a governar pela magia e com a assessoria de um irmão para as questões políticas. Em 239, chega a Wei uma missão representando a soberana que, além do título de Soberana de Wa, *Amiga de Wei* 親魏倭王, recebe um sinete e um espelho de bronze selando a amizade entre as duas nações. Trata-se do reconhecimento desse poder constituído no arquipélago pela autoridade chinesa de então.

8. Para facilitar a referência, as datas em geral serão referidas pelo calendário gregoriano. Apenas datas específicas respeitarão o calendário lunar, como era usado no Japão.

9. Dinastia que assume o poder de 202 a 8 a.C., em Cháng-ân 長安 e, em seu avanço para o sul, domina a península coreana dividida em quatro reinos. *Livro de Han* 漢書, em 120 tomos, escrito por Bān Gù 班固 (32-92).

10. Dinastia no poder de 22 a 250, na capital Luò-yáng, formava uma espécie de confederação que desaparece com as revoltas campesinas. *Livro do Han Posterior* 後漢書, em 120 tomos, compilado por Fàn Yè 范曄 e Sīmǎ Biāo 司馬彪.

11. Um dos três reinos criados na China, junto com Wu 吳 e Shu 蜀, no século III. *Livro de Wei* 魏志, em 30 tomos, compilado por Chén Shòu 陳寿.

12. Discute-se até hoje, sua localidade: se em Kyushû ou na região de Kinki.

Outras referências do documento chinês nos dão o quadro de uma sociedade relativamente organizada em que já havia mercados onde se praticava o escambo, além de classes sociais distintas – os *taijin* (大人, literalmente “grande homem”) e os *geko* (下戸, “homem de baixo”) – citando, por exemplo, que um geko recuava até a beira da estrada e se ajoelhava à passagem de um superior, bem como que se prostrava com as mãos postas sobre o chão para dirigir a palavra a um superior.

Cumpre salientar que, nessa época, a China adotava um sistema de acordo de vassalagem (冊封 *sakuhô*) com as tribos e nações vizinhas que encontrava em sua expansão para o leste e para o oeste. A China reconhecia a autoridade local, permitindo que o povo continuasse a praticar sua língua e religião e só exigia o uso da língua e da prática chinesas em suas relações diretas. O acordo era selado por uma troca de presentes: de um lado, títulos, selos, sinetes, espelhos de bronze, ofertados pela China como símbolos de sua ascendência, e, de outro, produtos locais e até servos ou escravos, ofertados em sinal de subserviência.

O “período de conturbações marcado por longos anos de luta” que tomou conta do arquipélago nos fins do século II, conforme consta dos registros históricos chineses, tem como contraprova a descoberta de grande quantidade de peças bélicas (machados e dardos de pedra, projéteis de arremesso feitos de pedra e de argila) na costa oeste do arquipélago, em torno do Mar Interno de Seto. Essa é também a região onde surgiram grandes aldeias, muitas delas circundadas por fossos ou valas, em que se concentraram os artesãos que, durante o intercâmbio entre o arquipélago japonês e o continente chinês consideravelmente intensificado durante o século III, chegaram e formaram comunidades em torno de uma habilidade técnica tais como a tecelagem, a pesca a cormorão, o fabrico do papel bem como de produtos de argila e de cerâmica, sendo provável que houvesse intercâmbio tecnológico e comercial entre os vários grupos.

5. A Confederação Tribal de Kinki

Grandes tumbas encontradas no entorno dessas regiões mostram o surgimento de poderosos chefes tribais, a partir do século III. Diferentemente das tumbas do período Yayoi, que eram comunitárias ou erguidas em grupo uma ao lado da outra, começam a ser erguidas tumbas isoladas, de forma retangular ou circular, cercadas por fossos e com divisões internas, provavelmente para sepultar esses chefes locais ou seus familiares.

Além dessas tumbas retangulares ou circulares, também encontradas na península coreana, surgem no oeste do arquipélago as tumbas com formato de buraco de fechadura¹³ (doravante denominadas *tumbas-fechadura*), provável resultado da junção de outeiros funerários de forma arredondada, onde eram sepultados chefes tribais dos fins do período Yayoi, com tumbas comunitárias de forma retangular. Seu aparecimento se dá na passagem do século III ao IV e foram, desde o início, construídas em grandes dimensões, algumas delas atingindo proporções gigantescas, como a que é atribuída ao

13. Em japonês *zenpôkôenfun* 前方後円墳, literalmente “tumbas retangulares na parte anterior e redondas, na posterior”

Grande Soberano Nintoku¹⁴ localizada no distrito de Sakai, em Osaka, medindo 486 m. de comprimento (cerca de 800 m. com o fosso externo), 249 m. de raio na parte circular e 305 m. de largura na parte retangular.

Verifica-se uma concentração dessas tumbas desde o norte de Kyûshû até a região de Kinki, na costa oeste do arquipélago. Se traduzirmos a dimensão desses monumentos por extensão do poder secular, em cerca de um século desde a aparição da soberana Himiko citada na *História de Wei*, forma-se uma grande confederação tribal nessa região, sob o comando de um poderoso chefe que passa a ser chamado de Grande Soberano (大君, *ôkimi*).

Quando a confederação tribal de Kinki, com sede em Yamato – região da atual Nara –, estabelece hegemonia sobre as tribos da costa ocidental em meados do século IV, toda a região da Ásia Oriental começa a viver uma fase de conturbadas lutas, que se estendem pelos séculos seguintes e cujos efeitos vão repercutir também no arquipélago japonês. No continente chinês, a dinastia Jin do Oeste 西晋 sofre, no início do século, pressão de povos do norte que invadem sua região setentrional e, em sua fuga para o sul, instaura em 316, ao sul do rio Yang-tsé, a dinastia Jin do Leste 東晋. Cerca de um século depois, em 420, Jin do Leste é dominada pela dinastia Sòng 宋, dando início à época das Dinastias do Norte e do Sul 南北朝, com Wei do Norte 北魏 ao norte e Sòng, ao sul¹⁵

Enquanto isso, na península coreana, após seguidas disputas entre grandes e pequenas tribos, tem início em 313 o período dos Três Reinos com a hegemonia das tribos de Koguryô 高句麗 (ao norte), Silla 新羅 e Paekche 百濟 (ao sul) sobre as demais. A disputa pelo poder entre os três reinos se estende, tal como no continente, pelos séculos seguintes e, devido ao intenso intercâmbio entre o arquipélago e a península, a corte de Yamato acaba se envolvendo nessas disputas. Alia-se, inicialmente, a Paekche em sua luta contra Silla e, com a vitória, recebe Mimana 任那, província ao sul da península, onde institui, segundo consta das *Crônicas do Japão*¹⁶ (日本書紀), um “governo japonês de Mimana”

Após exercer pressão sobre Paekche e Silla, Yamato volta-se contra Koguryô mas desiste de sua investida em virtude de oposições que passa a enfrentar no próprio arquipélago. As oposições são de duas ordens: de tribos de fora da confederação de

14. Comumente citado como imperador 天皇, título que só é criado no século VII, aqui será adotado o título de Grande Soberano (大君, *ôkimi*).

15. Seguem-se três dinastias ao sul e cinco dinastias ao norte até a unificação pela dinastia Siú 隋, do norte, ao vencer Chén 陳, do sul, em 589. As dinastias do sul, dominadas pela aristocracia, destacam-se pelo grande desenvolvimento que deram à literatura e às artes. Ao norte, embora tenha se formado uma aristocracia, o domínio era predominantemente de poderosos senhores locais que cultivavam a cultura tradicional.

16. Primeiro livro de história do Japão compilado sob ordem imperial, foi completado em 720. Um de seus objetivos era justificar e legitimar a recém criada nação Japão, e muitos de seus relatos pecam pela veracidade dos fatos. A obra fala da instituição de uma colônia japonesa em Mimana (任那日本府, *governo japonês de Mimana*) mas é preciso registrar que a própria denominação “Japão” data de uma época posterior à enfocada.

Kinki, pela hegemonia política do arquipélago, e de chefes tribais da própria confederação, pela sucessão ao posto de Grande Soberano.

A fim de apaziguar clãs oponentes, a Corte de Yamato adota o sistema de se lhes atribuir títulos, assimilando-os na máquina administrativa em formação. O título *uji* (氏, “clã”) era atribuído a grupos de forte caráter político, formados por laços de parentesco, cujo núcleo era uma família patriarcal à qual se subordinavam diferentes categorias de pessoas como os *bemin* 部民 (grupo especializado em um ofício), servos e escravos. Esses clãs recebiam os títulos *kabane* 姓, de acordo com a posição e o cargo ocupado no sistema da Corte¹⁷. Constitui o chamado *shisei seido* 氏姓制度, *sistema de clãs e títulos*, uma forma rudimentar de organização político social da qual se desenvolverá a formação de um Estado, pondo fim ao período primitivo do Japão.

6. Cultura das Grandes Tumbas (古墳文化, kofun bunka)

Kofun, literalmente “tumbas antigas”. é o nome pelo qual é conhecida a cultura dessa fase em que se desenvolvem os germens de um Estado japonês. Como já foi referido, são encontradas em todas as partes do arquipélago tumbas de vários tamanhos, de variados formatos, em outeiros, morros e colinas. As de menores dimensões são simples montes de terra mas as de médio e grande porte geralmente comportam aposentos subterrâneos, inicialmente cavados em covas verticais, onde eram depositadas as urnas de pedra ou de madeira. Posteriormente surgem os aposentos cavados em covas horizontais, de influência chinesa, com urnas em formato de casa.

Acessórios funerários eram depositados dentro ou em volta das urnas, constituídos inicialmente de objetos de caráter mágico tais como espadas ou contas de pedra *magatama* 勾玉¹⁸ mas, a partir do século V, passam a ser enterrados objetos da vida cotidiana tais como armas, utensílios de montaria. Além desses acessórios funerários, foram encontradas várias peças de terracota – os *haniwa* 埴輪 – que são basicamente de dois tipos: um, em forma de cilindro, encontrado ao redor das tumbas provavelmente para demarcar seus limites, e outro, peças figurativas de seres humanos, animais, casas e objetos da vida cotidiana.

As *Crônicas do Japão* dão que os *haniwa* de forma humana surgiram no século I da era cristã, quando foram usadas para substituir os súditos que deveriam ser enterrados para acompanhar o soberano Suijin 垂仁 em sua morte mas, como muito do que consta dessa obra é envolto em lendas e mitos, trata-se de um fato não comprovado. De qualquer forma, esses *haniwa* figurativos constituem uma rica fonte de conhecimento da vida dessa época: as casas em que moravam, as pessoas que circulavam em torno dos chefes

17. Havia vários deles, sendo *ômi* 臣 (atribuído àqueles que tinham topônimos como nomes) e *muraji* 連 (para clãs com nomes de profissão) os mais altos, seguidos de *sukune* 宿禰 (originariamente um sufixo de respeito), *miyatsuko* 造 (de origem diversa e incerta), *kimi* 君, *obito* 首 (atribuídos a chefes tribais) e outros.

18. Contas feitas geralmente de jade ou ágata, tinham a forma de uma vírgula e um furo para serem usadas como ornamentos.

tribais (soldados, músicos, dançarinos, cantores), os animais que ou eram caçados (javalis, macacos, veados) ou domesticados (cães, cavalos, falcões para falconaria).

7. A Corte de Yamato e Prenúncios da Formação do Estado Japonês

O *sistema de clãs e títulos* se consolida no decorrer do século V, passando a estabelecer uma clara distinção entre a classe dos dominantes – os portadores de *uji* e *kabane*, denominados *gôzoku* (豪族, “clãs poderosos”), e dos dominados – os trabalhadores, basicamente agricultores (農民, *nômin*), além dos escravos 奴婢 *nuhi*, essencialmente constituídos de inimigos derrotados nas guerras. Nos meados do século começam a surgir, entre os *gôzoku*, clãs muito poderosos como Mononobe 物部, Ôtomo 大伴, Soga 蘇我 que começam a ameaçar o poder do clã do Grande Soberano de Yamato. Vale assinalar que data desta época a hereditariedade pelos clãs, não só das artes mas também da sucessão ao trono de Grande Soberano, que passa a ser o detentor de um poder mais secular e progressista do que aquele de caráter mágico-ritualístico dos antigos chefes tribais. Provavelmente corresponde também à época em que, para se consolidar e legitimar o poder do grande Soberano, procurou-se associá-lo aos deuses cultuados pelos chefes tribais, trabalhando politicamente sua figura como um mito, um descendente direto dos deuses.

Em meio às relações com a península coreana, que continuam intensas, chega, em 538, um *gokyôhakase* 五經博士 (literalmente “sábio das cinco artes”), burocrata do reino de Paekche encarregado do zelo ao confucionismo, trazendo sutras e estatuetas búdicas ofertados pelo rei Song-myong 聖明 ao soberano de Yamato. Assim se dá a entrada do budismo e do confucionismo no arquipélago, que vão exercer forte influência posterior sobre a sociedade e cultura japonesa.

A partir de meados deste século, inicia-se um processo de formação de um Estado tanto na península coreana quanto no arquipélago japonês. Após pressões de Paekche sobre Mimana, quando Yamato perde o controle direto da região (532), Silla se impõe como a maior potência da península e estabelece um período de trégua na disputa entre os três reinos que buscam, cada qual, organizar um sistema de governo centrado no soberano, com vistas à formação de um Estado.

No arquipélago, por seu turno, apesar da consolidação do *sistema de clãs e títulos*, continuam as disputas internas da corte tendo o budismo como um de seus vetores. Após o enfraquecimento do clã Ôtomo em virtude da derrota na península em torno de Mimana, a disputa se torna acirrada entre os Soga, favorável ao budismo, e Mononobe, contrário ao budismo. Com as mortes seguidas dos soberanos Bitatsu 敏達 (585) e Yômei 用明 (587), os desentendimentos resultam em guerra com adesões, cada qual, de membros do clã de Yamato: de um lado, Soga-no Umako 蘇我馬子 recebe o apoio da esposa de Bitatsu (futura soberana Suiko 推古) e de Umayato 厩戸 (filho de Yômei e futuro Príncipe Shôtoku 聖徳太子); de outro, Mononobe-no Moriya 物部守屋 alia-se a Anahobe 穴穂部, irmão de Bitatsu e Yômei. Derrotado, o clã Mononobe é dizimado pelo Soga, que alça o irmão de Anahobe a Grande Soberano sob o nome de Sushun 崇峻, abrindo caminho para a expansão no Japão do budismo, defendido pela facção vencedora.

Ao assumir o trono, Sushun planeja retomar Mimana aproveitando que Silla não prestara tributo à nova dinastia Siú 隋¹⁹ recentemente instituída no continente (589), mas sofre oposição de Soga-no Umako, agora detentor do título de *ôomi* 大臣, que acaba por assassiná-lo em 592. Com isso, Umako vê crescer seu poder mas enfrenta a resistência dos líderes de Yamato que acabam indicando Toyomike Kashiki 豊御食炊屋, viúva do falecido Bitatsu, para Grande Soberana com o nome de Suiko 推古. Uma mulher é indicada para assumir o posto mas, assim como ocorrera com Himiko anteriormente, ela deixa a política nas mãos de seu sobrinho Umayato que, na qualidade de regente *sesshō* 摂政, será o grande responsável, juntamente com Umako, pela elaboração do modelo político de Yamato a partir do século VII.

Dentre as principais medidas tomadas por ambos, destacam-se o envio de missões a Sui e a elaboração dos assim denominados *kan'ijūnikai* 冠位十二階, “doze graus da hierarquia burocrática” e *jūnanajōkenpō* 十七条憲法, “ordenação dos dezessete artigos”

Seguindo os três reinos da península que prestam tributos a Sui (Silla pouco mais tardiamente, em 594), Yamato envia uma missão representando o “rei de Wa” para render seu tributo, em 600. Com um intervalo de cerca de cem anos, é retomado o envio de missões de representação ao continente, agora Sui, dando início a uma série de quatro *missões a Siú* (遣隋使, *kenzuishi*) como são conhecidas. Esta primeira foi uma missão eminentemente diplomática pela qual Yamato procurou, de um lado, assegurar junto ao novo império chinês uma posição favorável frente aos três reinos da península, e de outro, dar mostras de seu anseio em construir um império em Yamato vencendo as vicissitudes da península coreana em sintonia com o grande império de Sui, haja vista a passagem da mensagem enviada ao imperador Wén 文帝 que diz ter o soberano de Wa “no céu, um irmão mais velho e, no sol, um irmão mais novo”, conforme consta na *História de Siú* 隋書²⁰.

Esse anseio transforma-se não em altivez de Yamato mas audácia, no entender do imperador Yáng 煬, de Siú, que se mostrou indignado com a inclusão da frase “o soberano do sol nascente saúda o soberano do sol poente” no documento de que eram portadores os representantes da segunda missão enviada em 607: como poderia um “bárbaro do leste” ousar autodenominar-se “soberano”? É a partir desta segunda missão que são formadas grandes expedições compostas por jovens estudantes e monges budistas em formação que, em longas estadas no continente, estudam a China – seu modelo político, suas manifestações culturais – e depois vão contribuir significativamente com a organização política e cultural do Estado japonês quando de sua implantação.

Por outro lado, o príncipe Umayato e o *ôomi* Umako abraçam entusiasticamente o budismo e o confucionismo, pensamentos progressistas da época, que vão fundamentar as medidas por eles tomadas na direção da construção do Estado japonês. Vários templos budistas são construídos, entre os quais, destacam-se Asuka-dera 飛鳥寺 e Shitennō-ji

19. Em 589, Siú derrota Chén 陳, a última dinastia do sul, dando origem a um poderoso império que irá exercer forte influência em todo o leste asiático.

20. A atual versão consta de 5 capítulos e 50 narrativas de autoria de Wei 魏, do período Tang 唐 (618-907), além de 30 capítulos de autoria de Cháng Sun Wú Jì 長孫無忌, do mesmo período.

四天王寺²¹. Por outro lado, as seis virtudes do confucionismo – virtude 徳, benevolência 仁, etiqueta 礼, verdade 信, justiça 義 e sabedoria 智 –, cada qual subdividida em grau maior e menor, servem de inspiração para os doze graus burocráticos que passam a ser distinguidos pela cor e ornamento do *kanmuri* 冠, uma espécie de chapéu de copa alta e sem aba que, em sua leitura chinesa *kan*, consta da denominação do modelo. A *ordenação de dezessete artigos* foi elaborada com base principalmente no princípio da *harmonia* pregada tanto pelo budismo como pelo confucionismo e, embora conste de seu título a palavra *kenpô* que depois será usada para designar a Constituição de uma nação, resultou mais em princípios éticos a serem seguidos para um bem governar do que normas a serem respeitadas na condução de um Estado. Comparando o soberano ao céu e o povo à terra, vários desses artigos enfatizam o princípio confucionista da obediência absoluta do povo às ordens emitidas pelo soberano, bem como da proteção que este deve assegurar a seus governados, numa sutil advertência a arbitrariedades ainda cometidas por alguns chefes tribais que, recomenda-se, devem se submeter como burocratas ao Grande Soberano. Entende-se o caráter eminentemente ético desses artigos porque, na realidade, o *sistema de clãs e títulos* continuava ativo, com a maioria da população ainda sob o domínio de chefes tribais, principalmente em regiões mais remotas, uma vez que esses graus foram atribuídos somente a chefes tribais das proximidades de Yamato.

Ambas as medidas refletem a intenção da corte de Yamato em construir uma nação pautada no modelo chinês e budista, tendo ao centro um soberano absoluto, mas apoiado pelos chefes tribais na qualidade de burocratas hierarquicamente classificados em doze graus, intenção essa que se concretizará em meados do século VII, após a Reforma de Taika 大化の改新, em 645.

8. *Cultura Asuka* 飛鳥

A região onde se localizava a sede da corte de Yamato – Asuka 飛鳥 – dá nome à cultura desenvolvida nesse período, de caráter eminentemente budista devido ao incentivo dado ao budismo pela soberana Suiko e seus principais mentores políticos, o príncipe Umayato e o *ôomi* Umako.

O início do reinado de Suiko é marcado, em grande parte, pela construção de vários grandes templos, muitos dos quais ou mudam de nome ou são reconstruídos devido a destruições por incêndios ou são transferidos de sítio nas mudanças de capital²², transferência essa facultada por sua estrutura arquitetônica, de madeiras e vigas em encaixe, de fácil desmonte e remonte.

21. Alguns nomes próprios como os de palácios, templos, santuários, topônimos etc. portam em sua própria denominação o objeto nominado sob a forma de sufixo, como no caso, *ji* ou *tera* (sonorizado em *dera*) que são, respectivamente, a leitura chinesa e a japonesa de 寺, “templo”. A fim de preservar a denominação original como é costumeiramente usada no japonês, esses nomes serão registrados com o sufixo separado por hífen.

22. Por ocasião de calamidades naturais, de crises políticas na corte, entre outras razões, era freqüente transferir a sede da corte seguindo as indicações de direções ou datas benfazejas, de acordo com princípios taoístas, introduzidos também da China.

O mais antigo desses templos é o referido Asuka-dera²³, construído (de 588 a 609) por ordem de Umako segundo a técnica importada de Paekche. Famoso pelos pilares convexos エンタシス (do grego *entasis*) de seu Pavilhão de Ouro 金堂, torna-se o depositário da imagem de Buda 釈迦如来坐像, esculpida em bronze pelo famoso escultor de imagens búdicas da época – Kuratsukuri-no Tori 鞍作止利, conhecido também por *Tori-busshi* 止利仏師, “escultor de budas” e neto de um imigrado de Paekche.

Os demais templos do período têm, em maior ou menor grau, alguma relação com o príncipe Umayato, falecido em 622 e que, venerado pelo povo, será cognominado *Shôtoku taishi* 聖徳太子, literalmente “príncipe da santa virtude” nome pelo qual será doravante referido. O Kôryû-ji 広隆寺 é dado como construído em 603, por Hata-no Kawakatsu 泰河勝, para depositar uma estatueta de Buda presenteada por um emissário de Silla a *Shôtoku taishi*. Após várias reconstruções devido a incêndios, a atual construção data do período Heian e é depositário de outras preciosas estatuetas búdicas, dentre as quais uma do *bodhisatva* Maitreya (*Miroku bosatsu*, em japonês) em posição de meditação 弥勒菩薩思維像, também deste período.

Dentre os templos erguidos por iniciativa do próprio *Shôtoku taishi*, citam-se o Shitennô-ji 四天王寺, construído em 587 em agradecimento à vitória sobre os Mononobe, além do Hôryû-ji 法隆寺, dado como construído por voto pela cura do Grande Soberano Yômei, adoecido e morto em 587, para ser concluído apenas em 609. Ambos são construídos voltados para o sul onde fica o portal principal (*nandaimon* 南大門, literalmente “grande portal do sul”) e vão constituir os principais estilos arquitetônicos de templos da época, determinados pela disposição de suas construções na área central do monastério (伽藍, *garan*) circundada por um deambulatório (回廊, *kairô*): o estilo Shitennô-ji – com o Pavilhão de Ouro (金堂, *kondô*) onde fica a imagem cultual do templo, o pavilhão de estudos ou pregações (講堂, *kôdô*), a pagoda de cinco tetos (五重塔, *gojû-no tô*) e o portal do meio (中門, *chûmon*), dispostos em fila do norte para o sul –, e o estilo Hôryû-ji – com o Pavilhão de Ouro no centro ao norte e o portal do meio ao sul, entre os quais se dispõem a pagoda, à direita, e o pavilhão de pregações, à esquerda. Vale ressaltar que ambos foram, mais de uma vez, integral ou parcialmente reconstruídos por causa de destruições por incêndio, mantendo-se até hoje apenas os originais do Pavilhão de Ouro, da pagoda, do portal do meio e boa parte do deambulatório do Hôryû-ji, templo este que foi consagrado ao príncipe depois de sua morte. Dentre os tesouros guardados neste templo, citam-se a imagem da Tríade Búdica 釈迦三尊像²⁴ obra do já referido *Tori busshi* e a imagem cultual do templo, além da iconoteca de *tamamushi*²⁵ (玉虫厨子, *tamamushi-no zushi*)

23. Posteriormente denominado Hôkô-ji 法興寺 e depois Gangô-ji 元興寺, ao ser transferido para a capital Nara, em 716.

24. Nome que se dá à tríade formada pela imagem do Shakyamuni ladeado pelos bodhisatvas Samantabhadra (Fugen 普賢, em japonês) e Manjusri (Monju 文殊).

25. Um móvel de cerca de 2 m. de altura, composto de um santuário sobre um pedestal alto de madeira, originalmente contornado por asas de *tamamushi*, uma espécie de coleóptero cujas asas furta-cor tornavam-na muito apreciada para ornamentos.

que traz em suas paredes pinturas de cenas da vida do Shakyamuni, consideradas a primeira pintura búdica do Japão.

Merece, ainda, menção o templo Chûgû-ji 中宮寺 – construído nas dependências do palácio da mãe de Shôtoku – onde estão guardadas duas peças famosas: uma imagem de Maitreya em meditação, considerada um modelo de escultura da época por seus contornos e feição de linhas suaves, e as telas conhecidas como *tenjukokushûchô* 天寿国繡帳, “bordado do País da Longevidade Celestial” – duas telas de cerca de 480 cm² que, dizem, foram bordadas pela viúva de Shôtoku *taishi* com a ajuda de outras princesas, por ocasião da morte do príncipe, retratando mandalas e cenas do País da Longevidade Celestial onde, se almejava, renasceria o príncipe.

A entrada do budismo no arquipélago e sua adoção pela facção vitoriosa na disputa pelo poder de Yamato acaba sendo o principal vetor dessa cultura Asuka. Por outro lado, o intenso intercâmbio com a China e as nações da península coreana, faz com que essas influências se dêem de forma quase imediata principalmente pelas novidades continentais trazidas pelas missões em seu regresso ao arquipélago. Assim ocorre com os primeiros templos construídos segundo o modelo arquitetônico do período dos Impérios do Norte e do Sul, seguindo-se a influência de Sui notadamente nas esculturas e, já no final do período, com a derrota de Sui para Tang 唐, em 618, esta dinastia exercerá marcada influência na implantação de um Estado no arquipélago e a respectiva cultura.

Bibliografia

- AMINO, Yoshihiko. 日本社会の歴史 (上). Tóquio, Iwanami, 1998, 12^a ed.
———. 日本論の視座 – 列島の社会と国家. Tóquio, Shogakkan, 1993.
———. 「海からみた日本列島」 in 続・日本の歴史をよみなおす. Tóquio, Chikuma, 1996: 50-104.
———. 日本の歴史 00 - 「日本」とは何か. Tóquio, Kodansha, 2000.
HERAIL, Francine. *Histoire du Japon*. Paris, Horvath, 1990.
KODAMA, Kôta (org.). 図説 日本文化史体系 1: 縄文・弥生・古墳時代古墳時代. Tóquio, Shogakukan, 1962, 3^a ed.
REISCHAUER, Edwin O. *Japan – Past and Present*. Tóquio, Charles E. Tuttle, 1964, 3^a ed. rev.
———. *Japan – the story of a nation*. Tóquio, Charles E. Tuttle, 1981.
SANSOM, George B. *Japan – a short cultural history*. Tóquio, Charles E. Tuttle, 1983, 8^a ed.
TERAZAWA, Kaoru. 日本の歴史 2 – 王権誕生. Tóquio, Kôdansha, 2000.
UEDA, Masaaki. 日本古代国家成立史の研究. Tóquio, Aoki, 1971, 2^a ed.
VARLEY, PAUL H. *Japanese Culture*. Honolulu, Univ. of Hawaii Press, 1973.